

MOA SIPRIANO

BARBA PAPA



MOASIPRIANO.COM

BARBA PAPA

Moa Sipriano



www.moasipriano.com

Design da Capa & Editoração
Moa Sipriano

Imagem da Capa & Tipografia
pixabay.com
dafont.com

Todos os direitos reservados a
Moa Sipriano

Site oficial & Contato
moasipriano.com
escritor@moasipriano.com

Não pensei duas vezes.

Sem cerimônias, escancarei minha nada discreta bolsa de lona repleta de cacarecos milagrosos e chaveirinhos a sambar do lado de fora.

Saquei tesoura, pente, talco e outros badulaques propícios para a ocasião.

Ele me encarou, ressabiado, acredito que temendo pela própria vida ao ver um varapau cintilante e afetado empunhando uma arma prata e pontiaguda, ambos dançando escalafobéticas bem na sua direção.

Na última condução popular que enfia São Paulo em Jundiaí e viceversavesso, nós dois trincados por causa do frio de rachar saquinhos a tomar conta do triste retângulo, éramos os únicos rejeitados sacolejando naquele eletrificado carro de boi.

Eu “cheguei junto” e não me apresentei. Apenas sorri caridoso, toquei suas mãos arenosas e tratei de alinhar sua barba e cabelo com meu pente vermelho em passagens suaves a expelir cuidados de um irmão bem-intencionado.

Ele tremendo em temores, olhar meio travado, meio maravilhado, aceitou minha oferta, sem proferir uma só palavra.

A gente se comunicava por pura sensibilidade, nada além.

Mesmo com o rebolado irregular da composição paleozoica, não me foi impossível dar um bom trato naquela montanha de fios rebeldes.

Por instinto, não tive coragem de rebaixar por completo os pelos faciais. Promovi harmonia ao moldar a cabeça agora quase raspada com a barba e bigode agora bem alinhados e... chicmodernérrimos, meu bem!

Alôka!

Com destreza e rapidez que impressionaram meu último cliente, destilei minha mágica entre as estações de Botujuru e Jundiaí.

Enquanto ele parecia não acreditar no seu novo semblante refletido num espelhinho meia boca, eu tratava de juntar o passado do bofe espalhado entre seus calçados imundos, colocando quase a totalidade dos descartados fios pastosos numa providencial sacolinha de plástico... *by* Carrefour.

Limpei as mãos nas laterais do meu jeans arroxeadado, onde em seguida tratei de guardar – ou melhor, jogar! – minhas ferramentas de sustento dentro da imensa bolsa velha de guerras.

* * *

Ao desembarcarmos, confesso que fiquei meio desapontado com a frieza emanada do Sem Nada.

Ele saiu primeiro, todo desengonçado. E sumiu!

Eu vaguei logo atrás, exausto.

Misturado com outros gatos pingaiados, atravessei as catracas e fui brindado com uma sinfonia de águas e gelos a salpicar minha pele sonolenta.

Pra variar, é óbvio que não havia mais transporte público disponível, nem um “taxinho” qualquer.

Eu, acostumado, só inspirei fundo, calculei porcamente a possibilidade daquela garoa não se transformar em tempestade nos próximos quarenta minutos, enlatei um boné – surrupiado do meu irmão! – na chapinha e comecei a trilhar meu sufocante ritual até a casa materna.

Coisa de seis a oito minutos arrastados, um tunado Opala SS preto e laranja-pelo-amor-de-deus-olhe-para-mim rondou bem ao meu lado, onde seu ocupante nada discreto tratou de buzinar além do ideal de modo a pôr em alerta todas as minhas atenções.

Eletrificado por inteiro, sozinho na calçada quase breu, encarando com firmeza o horizonte, minha natural reação era correr e me esconder num beco qualquer. Ser surrado por um homofóbico na madrugada não estava nos meus planos.

“Por favor, pare. Eu preciso falar com você!”, evocou-me uma voz meio cavernosa, meio suspirante.

Aquela educação fora de esquadro cativou meu interesse.

Quase fui daqui pra melhor quando dei de cara com meu Sem Nada nas rédeas do seu Unicórnio reluzente.

“Você?”, foi a única coisa que consegui pronunciar.

“Entre. Faço questão de lhe oferecer uma carona”, ele cantou, sem esconder a imensa vontade de se esbaldar em gargalhadas.

O Iluminado travou a carruagem, volitou feito um príncipe da Disney, pegou minhas mãos pálidas e me conduziu até o outro lado da bem preservada obra de arte.

Sem Nada fez todas as honras. Aprumado e muito confortável no banco de couro, eu me senti a mais bela das atrizes de um cinema imundo. Ao travar a cela, ele desligou o ronronar viril de um motor bem afinado.

O que aconteceu entre nós foi...

O que aconteceu entre nós foi surreal!

Sem Nada me abraçou dum jeito “como se não houvesse amanhã”.

Aceitei seu calor. Afinal de contas, eu não estava em condições de rejeitar nenhuma forma de carinho... ainda mais acompanhado de um bofe tão gostoso a tiracolo!

“Bofe gostoso?”, um estalo despertou minha ânsia de respostas.

“Pérai!”, afastei a carne de primeira, terceira, décima qualidade.

Que confusão!

Sem Nada acendeu uma luzinha no alto do teto atapetado. Seu novo rosto esculpido por mim-eu-mesmo transbordava um misto de euforia, curiosidade e meninolevadice.

“Acho que lhe devo algumas explicações”, ele pigarreou, segurando numa das minhas mãos arredias.

Nada respondi. Apenas aguardei.

“É sério que agora você não está me reconhecendo?”, Sem Nada continuou, manipulando um sem-número de expressões faciais, enquanto retirava fragmentos do que julguei ser uma espécie de borracha maquiada da testa e da periferia dos seus olhos luminosos.

Eu me sentia um idiota encantado!

Nervoso e ressabiado, cai no riso de imediato, rodando um belo “não” com minha cabecinha abobada.

“Meu nome é...”, ele desfilou seu currículo.

“Sou ator. Muito prazer!”

Enquanto ele cacarejava sobre seus feitos artísticos, assumo que levei um tempão para decifrar aquele quarentão em alguma novela ou filme ou comercial que eu porventura tivesse assistido na tevê aberta.

Fazer o que. Eu nunca fui muito plugado em cinema ou tevê. Ainda sou Música, Rádio FM, do tipo que ama comprar CDs em sebos e afins!

“Então... você estava num processo de... como se diz... de ‘fazer laboratório’?”, regurgitei, como se eu fosse o maior especialista no assunto.

Ator sorriu, descartando o lenço umedecido, respondendo um belo “sim”, aproveitando para parabenizar meu conhecimento.

“Vim para Jundiaí na intenção de relaxar um pouco. E manter o foco. Eu passei quase dois meses me preparando para o papel, na teoria. Nos últimos seis dias, eu deixei de tomar banho, não tirei essa roupa (só troquei de cueca! – ele fez questão de frisar) e perambulei horas a esmo por Jundiaí e metade de São Paulo com a vontade de sentir na pele o que é ser um Excluído. E olha que ninguém, ninguém me reconheceu!”, disparou sem pausas um brioso profissional, cutucando a ponta do meu nariz adunco.

“Amanhã vou levar uma bela bronca por ter aparado a barba e acertado o cabelo”, ruminou minha Estrela, transfigurado numa cara de choro, enquanto alisava os pelos muito bem aplainados.

“E a culpa é toda sua!”, ele ria com gosto.

“Puxa. Peço sinceras desculpas. A minha intenç... o meu ato foi...”, gaguejando, tentei justificar minha caridade.

“... foi uma das coisas mais lindas que já aconteceram comigo”, completou Ator, buscando um novo abraço.

Deixei-me levar.

Com o nariz enfiado no cangote alheio, que delícia sentir o cheiro do Artista por trás daquela pantomima. Não me incomodava o odor acre que emanava dos seus trajes impuros. Era a alquimia das nossas artes a responsável pela mandinga daquele encontro... inusitado?

“Havia tempos que eu não me sentia tão bem”, disse Ator, emocionado.

“Quando você se aproximou da minha opacidade, sem medos, sem falsa piedade, apenas pelo prazer em ser útil, em recuperar minha autoestima, em me cobrir de atenção e uma tonelada de carinho e muito amor... nossa... você despertou algo em mim que eu – te juro! – achei que não seria mais capaz de sentir.

“Enquanto você cuidava da minha aparência, pude captar nos seus movimentos e olhares e cuidados uma candura incisiva. Olha, Cara, foi difícil conter a emoção. Eu quase gritei para você parar, olhar bem pra mim, me reconhecer e... me beijar!”, despejou Ator, deixando-me pra lá de arrepiado.

“Ainda não posso afirmar que seu ato despertou um ‘amor em certa atitude’, mas eu não poderia deixar a chance de viver algo grandioso passar assim, de bobeira. Por esse motivo é que evaporei minha teatralidade, todo

apressado daquela estação, doido para pegar meu carro, aguardar você se afastar um pouco e vir ao seu encontro”, finalizou Ator, sem deixar um minuto sequer de tocar nos arredores do meu corpo petrificado.

“Você é uma pessoa pública. Sei lá... até famosa. Enfim... você teria coragem de ficar com um cara tão sem tempero como eu?”, lancei meu despreparo na lata, temendo pela quase certa resposta.

Após ajeitar uma toalha que separava sua imundícia teatral do aparatoso banco de couro, Ator passou alguns instantes refletindo, enquanto apertava as pontas dos meus dedos já bem aquecidos. Há milênios que aquela antiga garoa abria passagem para uma chuva cavernosa.

O Sem Nada que havia se transformado num verdadeiro Tudo de Bom levou meus dez magros dedinhos para conhecer a maciez dos seus lábios rachados, beijando um por um, provocando um misto de sensações na minha santa pessoa quase a desmaiar em ansiedades e esperanças.

“Você quer realmente saber a resposta?”, ele disse num galhofeiro sussurro.

“Sim. Eu preciso saber!”, desafiei meu Encantado.

“Não estou nem um pouco preocupado sobre como o mundo vai julgar minha felicidade. Não estou nem um pouco interessado em afirmar se você é ‘sem tempero’ ou não. Afinal de contas, eu nem te ‘provei’ por completo ainda?”, gargalhou Ator, aliviando meu pesar.

“Olha. Você não faz ideia de como pessoas como eu são pressionadas, a todo o momento, a permanecer muito bem trancadas no fundilho de um armário depressivo, sufocante, ditador. Você não imagina a extensão da hipocrisia que permeia o nosso meio; qual é a verdadeira batalha que travamos diariamente com A Corporação.”

Vitrificado, eu abria todos os poros de atenção para captar as verdades refletidas pelo profissional das telas.

“O mais absurdo de tudo é que gays como eu são livres e, de certa maneira, felizes somente junto aos nossos pares, dentro do nosso próprio gueto. Há uma cumplicidade e um respeito fantásticos entre nós, atores, e nossos leais parceiros de trabalho: cabeleireiros, maquiadores, câmeras, sonoplastas, enfim... quase todos os malucos que permanecem invisíveis. Meu deus, como eu admiro cada um deles. São os responsáveis pela nossa magia acontecer.

“Porém, por incrível que pareça, há homofobia não velada promovida

justamente por quem deveria zelar por nós. Alguns diretores, vários produtores, quase a totalidade dos proprietários da mídia e, nojo dos nojos, certa categoria de ‘jornalistas’ abutres. É um inferno maior do que o promovido por determinadas seitas ‘evangélicas’.

“O que conta é ter o rosto bonito, é ser disponível para um jogo de camas, é se destacar pelos atributos físicos durante a guerra de satisfazer frustrados influentes ou milionários caducos. Só depois, muito tempo depois, é que você consegue provar o seu valor, o seu diferencial enquanto artista.

“Oh, meu garoto. No *Mainstream* apenas se destacam aqueles que foram putos bem competentes no passado. Caso contrário...”

Engolindo o revelador discurso entre soluços e admiração, era minha a vez de tocar Ator com respeito, desejo e uma louca vontade de “te quero... mais”.

“Eu nunca me relacionei com um cara igual a você. Digo isso apenas para ilustrar o lado físico e social da situação, sem jamais desmerecer você como pessoa”, continuou Ator, encarando meu olhar abismado.

“Mas eu quero agarrar a oportunidade de ouro oferecida a mim-eu-mesmo; afinal de contas, não dá pra descrever o que senti dentro daquele vagão. Eu quero, eu exijo meu vício de volta! Eu preciso me embriagar novamente com cada gota daquilo que você me ofertou enquanto lapidava a minha essência!”

Foi demais pra mim.

Esquecemos o diálogo. Cerramos nossos olhos. Ampliamos a sensibilidade para ouvir a sinfonia wagneriana promovida pela chuva.

Enfim, o grande beijo. Confuso, intenso, desesperado, profundo.

O Tempo sumiu no tempo.

Séculos foram liquidados em segundos. Estávamos num outro plano.

Chuva, sinfonia. Calor, suor, fogos de todos os artifícios.

De repente, ríamos como invertebrados quando Ator se deu conta que seus dentes ainda estavam camuflados com uma prótese zumbi, retirando o aparato teatral e jogando a resina sobre um canto esquecido do console aveludado.

Voltamos aos beijos apaixonados, sensuais, profanos.

Barba Papa e seu filhote.

Selamos o compromisso. Sabíamos que a nossa história deveria ser vivida.

“Se as pessoas se permitissem dar um único voto de confiança aos seus corações”, interrompi o trigésimo beijo. Eu tinha que expressar minha liberdade.

“Parar de correr atrás. Aceitar o merecimento...”, continuou Barba.

“Esquecer corpos vazios. Focar em almas afins...”, emendei com serenidade.

“Sufocar pré-conceitos. Libertar atitudes...”, afirmou Papa.

Voltamos aos beijos suaves. Ampliamos os toques ferinos.

Esquecemos por completo todo nosso cansaço. Ignoramos a sujeira cáustica que empestava o interior da carruagem, bem como os odores fétidos de um mundo tão escasso de oportunidades. Estávamos acima do frágil Físico. Transcendíamos as barreiras do estudo da decomposição social.

Através do amor recém-descoberto, nos tornáramos espíritos libertos.

Eu venci pelo meu desapego, pela minha honesta vontade de fazer o bem. A Sorte me sorriu, lançando sobre meus braços responsáveis alguém que precisava despertar uma vez mais o anseio de amar. Eu fui o escolhido.

“Vamos sair daqui”, disse Barba Papa.

“Precisamos tomar um banho.”

“Você pode ficar comigo o resto da madrugada?”, ele questionou diretamente o meu coração, mesmo sabendo da precisa resposta.

“Talvez eu fique contigo o resto dos nossos dias”, disparei sem um pingo de receio.

Eu sabia que havia atingido meu alvo famoso, estrelado. Era patente que nós não conseguíamos acreditar em tantas emoções, tantas alegrias!

Mais um beijo. Mordiscamos, sapecas, as nossas línguas flamejantes.

Barba Papa ligou o Possante. Eu, agora a Rainha, aprumei meu orgulho no aconchegante banco de couro negro.

Cortávamos a chuva, saímos das ruas, ganhamos larga avenida.

Atrevido, liguei o rádio. Cacei a Antena 1.

E qual era a música oferecida pela Providência?

Rush, Rush... da Paulete Abdul.

Barba Papa, com sua treinada voz em falsete, cantarolava a raridade anos 1990 com competência, traduzindo trechos para mim.

Começamos a rir das minhas tentativas patéticas de acompanhá-lo, já que meu inglês inexistente e minha voz patodonalda não contribuía em nada para abrilhantar o clichê momento romântico.

“Será o nosso hino. A nossa canção!”, afirmou Barba Papa, entoando o refrão, agarrando minha mão sobre seu colo úmido.

Assenti sem pestanejar. A madrugada estava só começando.

* * *

“UAU!”, eu realmente fiquei impressionado.

“Linda, não é mesmo?”, Barba Papa endossou minha admiração.

“É sua?”, perguntei, boquiaberto.

“Não. Ainda não!”, riu o ator.

“É de um casal de amigos muito queridos. São empresários bem-sucedidos aqui da cidade. Eles estão em férias lá em Noronha e me convidaram para ‘tomar conta’ da casa. Assim, aproveito para ficar no anonimato, estudar meu roteiro e construir meu novo personagem”, concluiu Barba Papa.

Feita a explicação, entendi a razão da nossa entrada tão facilitada. Reparei que havia óculos escuros e diversos bonés largados no banco traseiro. Do nada, no meu íntimo, comecei a imaginar a cara dos vizinhos ao flagrar um sem-teto dirigindo aquele carrão. Não segurei minha fuça ridícula a sacolejar um riso embutido.

Ao aproximarmos o “laranjão” no lado sul da majestosa propriedade, um segurança todo equipado e com pinta de poucos amigos nos abordou, sorrindo com certa cumplicidade e “paparaquice” para o ator global.

Ele autorizou que seguíssemos adiante.

O brutamente não esboçou nenhuma reação negativa ou julgadora ao confirmar minha presença gritteriana no interior do veículo.

Êta mundo bom!

Comentei com Barba Papa que minha mãe costumava trabalhar naquele bairro – a famosa e tradicional Malota –, como doméstica, quando eu era criança, quase adolescente. Só assim eu tive acesso ao Luxo.

Aliás, foi o que me inspirou a seguir carreira como Cabeleireiro. Era uma chance de eu me destacar através das minhas técnicas malucas e assim

cuidar das madeixas dos endinheirados, loucos por novidades.

Eu ainda ia chegar lá! Eu seria a Senhora do (meu) Destino!

* * *

“Quer me acompanhar?”, ele fez o convite, com um delicioso olhar (companheiro de cena) Fagundes.

Não respondi de imediato.

Apenas assumi a direção do meu longa-metragem.

“Fique quieto. Não dê um pio. Deguste o espetáculo”, sussurrei com autoridade, enquanto mordida seu queixo pontiagudo, onde sua barba afiada riscava meu inseguro lábio superior.

Abri a queda-d’água, deixando que a névoa ligeiramente aquecida recriasse o clima especial. Despi meu Homem da sua fantasia. Conheci meu Macho da nossa realidade.

Bob Esponja e Dove líquido na mão, com vagar proposital fui retirando as cascas de uma criatura tão menosprezada pela Sociedade.

De pensar que quase cem por cento das pessoas jamais daria um mínimo de atenção àquele “mendigo” e, por outro lado, imaginar que eu tive a coragem de besuntar fagulhas de amor caridoso sobre aquele sapo que se transformou no meu Rei... do Gado!

“É um sacrilégio, eu sei”, eu disse, ofegante.

“Mas eu vou, eu quero, eu preciso ver seu rosto sem os restos da máscara cenográfica”, continuei, decidido.

“Faça o que quiser comigo”, Barba Papa respondeu, submisso no ponto exato.

Eu e minha bruxaria. A tesoura materializou-se por encanto diante dos nossos olhos marejados. Em minutos, pelos quase ruivos jaziam no porcelanato.

Mais um truque. Gillette e espuma salpicaram faces avermelhadas, repletas de alfinetes retorcidos.

Zip-Zap! Pronto. Rosto liso, pulcro, quase infantil.

Ajoelhado, preenchi de espuma hidratante pés, coxas, saco e sexo. Apalpando aquela bunda sagrada, tomei a doce liberdade de promover o encontro dos meus lábios diminutos com a altivez daquele mastro bem alerta.

Foi só um “selinho”. Só para provocar!

Novo olhar no olhar, não resistimos ao encanto das línguas. Era gritante a necessidade de afastarmos todos os atrasos. Confirmamos nosso amor de ontem num rodízio infinito de bocas em pé de guerra, numa situação Agosto com pitadas de JK, finalizando nossa entrega com fragmentos de um Memorial de Maria Moura.

Não precisávamos da rapidez do Sexo.

Nossos beijos se esbaldaram num *fazê amô* eterno.

* * *

A primeira exibição foi um tremendo sucesso.

Na festa estelar, Barba Papa não se cansava de me apresentar para todos do elenco. Não sei o motivo, mas eu me sentia um pouco Anitta no meio dos Globais.

Já na grande madrugada, onde um seletto grupo de amigos apreciava da quilométrica sacada a chuva torrencial que cobria rios em janeiro, Barba Papa tilintou sua taça, exigindo devida atenção:

“Eu quero agradecer o carinho e o empenho de todos que participaram de mais uma feliz empreitada cultural. Que maravilha sentir o calor do nosso público a prestigiar nossa obra, produzida com tanto empenho e amor.

“E por falar em Amor, quero compartilhar com todos vocês a minha felicidade, a minha fonte de muitas inspirações, o meu – finalmente! – porto mais do que seguro.

Naquele instante, eu me senti como numa premiação de Oscar. Faltou pouco pro meu coração estilhaçar de vez ao ouvir meu fofo nome amplificado por um timbre barítono!

“Você é o meu alicerce. Fomos selecionados através da magia da Fraternidade!”

Segurar as lágrimas foi impossível. Confirmar meu batizado no Clube entre palmas e assovios foi divino. Ser abraçado por Reinaldos, Camilas, Leos, Patrícias, Paulos e Tonys é só para quem tem uma estrela tatuada na alma.

* * *

Não pensei duas vezes.

Assim que pus os pés na sala, sem cerimônias, abri minha nova bolsa de lona, cheia de santificados cacarecos muito bem organizados e um chaveiro de pelúcia sambando do lado de fora.

Saquei alguns badulaques necessários para o ritual que ele tanto amava.

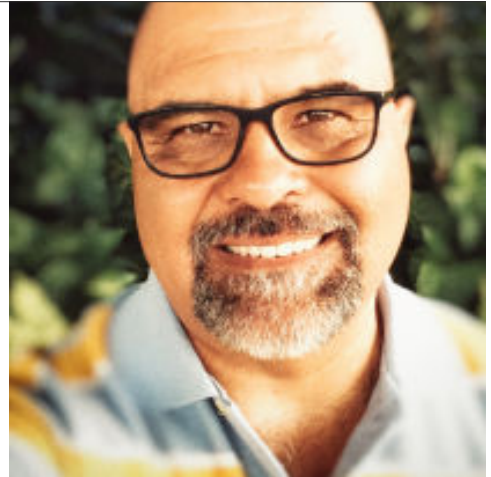
Meu marido relaxava na varanda do quinto andar. Amanhã é vinte e três!

Eu sou o responsável pelo seu visual, na vida real fora do Instagram ou durante os preparativos para um novo personagem.

Eu e Barba Papa estamos grudados há três anos. Ele, hoje aos quarenta e oito, continua a brilhar em palcos e telas e acima de muitas constelações.

Eu, vinte e nove, continuo a moldar cabelos e barbas com destreza criativa e inovadora, capaz de cutucar boa inveja na concorrência colorida.

Nós dois, unidos não pelo Destino, mas sim pelas nossas atitudes muito bem centradas, compartilhamos com o Mundo não mais a dor dos Excluídos; somente a delícia de ser quem realmente somos: Simples Humanos.



Sobre o Autor

Moa Sipriano é natural de Jundiaí, interior de SP. Escreve e publica contos, crônicas e romances desde 2004. No Brasil, foi pioneiro na criação e divulgação de livros digitais contendo exclusivamente literatura homopopular. Sua arte retrata com crua fidelidade e lirismo o amor verdadeiro, os conflitos internos, o sincero companheirismo e a real espiritualidade da Diversidade. O autor pincela suas histórias e verdades com inteligência, sarcasmo e sensualidade em tonalidades exatas, proporcionando ao leitor um momento termântico, surpreendentes descobertas, além de uma profunda reflexão.

* * *

Para conhecer todas as obras: **moasipriano.com**

E-mail: **escritor@moasipriano.com**

Facebook: **facebook.com/moasipriano**

Instagram: **instagram.com/moasipriano**
